

ACREDITAÇÃO HOSPITALAR

FMEA ajuda a detectar e prevenir riscos

Na edição 315, o *Informe INCA* iniciou uma série de reportagens sobre a importância do Gerenciamento de Riscos dentro de uma instituição hospitalar. Neste mês, será abordada a ferramenta Análise do Modo de Falha e Efeitos (FMEA, na sigla em inglês), com exemplos concretos da aplicação e dos resultados desse método na Radiologia do HC I, no Centro Cirúrgico do HC II e na Central de Quimioterapia do HC II. Na edição 317, o *Informe INCA* irá destrinchar a outra ferramenta de risco utilizada no Instituto, a Análise de Causa Raiz (RCA, em inglês).

A FMEA é uma ferramenta proativa, utilizada para identificar previamente a ocorrência de eventos indesejáveis que coloquem em risco pacientes e profissionais. Primeiro, é escolhido o processo que será estudado. Depois, é formada uma equipe multidisciplinar que aponta quais são os riscos existentes e atribui a eles uma classificação de acordo com três critérios: gravidade, ocorrência e detecção. Os problemas mais graves são trabalhados de forma a serem eliminados ou reduzidos.

A equipe participante da FMEA determina um prazo para praticar as ações de melhoria que foram estabelecidas. Após esse período, é feita uma nova avaliação para verificar se os objetivos foram alcançados. "Como esta ferramenta abrange todas as possibilidades de um determinado processo, ela exige muito recurso material e pessoal", explica Fábio Miranda, responsável pela Assessoria de Gestão da Qualidade. "Quando uma equipe multidisciplinar participa do trabalho, traz um novo olhar, que muitas vezes as pessoas da área não têm", acrescenta.

Radiologia do HC I: entrevista mais completa evita erros graves

Em julho de 2012, a FMEA foi implementada na Radiologia do HC I. Um dos maiores riscos encontrados foi a entrada de objetos metálicos na sala de ressonância magnética. A equipe, composta por 16 pessoas de áreas e unidades diferentes, tomou medidas como a alteração no fluxo de pessoas na Radiologia, com o trancamento da porta que dava acesso direto ao corredor dos equipamentos de ressonância. Também foi solicitada a compra de um detector de metais.

Os funcionários que trabalham com ressonância magnética foram treinados e passaram a fazer uma entrevista mais completa com os pacientes. "Desta forma, evitamos alguns problemas. A pessoa pode ter uma prótese metálica e não lembrar de comentar isso, por exemplo", explica Andrea Barros, administradora do Serviço de Radiologia.



Centro Cirúrgico do HC II: objetos também representam riscos

O HC II passou, em 2011, por uma FMEA de princípio de incêndio. Todos os extintores foram verificados, e as áreas que precisavam de um maior número de brigadistas, identificadas.

O Centro Cirúrgico foi considerado o setor com maiores riscos potenciais, por possuir bisturis elétricos, diversos monitores e muitas substâncias alcoólicas. "Há uma estatística que diz que 85% dos casos de princípio de incêndio em uma unidade de saúde começam no centro cirúrgico. É um risco muito alto", explica Fábio Miranda.

De acordo com Jacilene Cruz, administradora hospitalar do HC II, foi realizado um ciclo de palestras sobre princípio de incêndio em todos os setores da unidade. "Outra medida que tomamos foi a retirada dos benjamins e de várias cafeteiras elétricas. As pessoas não percebem, mas são objetos que também representam riscos", afirma Jacilene.



Central de Quimioterapia do HC II: FMEA de medicamentos vira referência

A Central de Quimioterapia do HC II realizou uma FMEA em 2010, conduzida por Mario Ferreira, ex-assessor de Qualidade do INCA e responsável por iniciar o uso da ferramenta na instituição. O processo, visto como referência no assunto, foi concluído em 2011 e apresentado aos avaliadores da Joint Commission International/Consórcio Brasileiro de Acreditação (JCI/CBA) na visita que fizeram à unidade, naquele ano, durante a recertificação da Acreditação Hospitalar.

Todos os processos da Central de Quimioterapia foram avaliados, desde a prescrição até a administração dos medicamentos no paciente. "Listamos alguns problemas que podem ocorrer no setor, como prescrição incompleta, contaminação das bolsas de quimioterapia e manipulação em doses erradas", explica Priscila Figueira, responsável pela Farmácia do HC II.

Algumas das soluções encontradas para evitar a ocorrência dessas e de outras situações de risco foram a implementação da prescrição eletrônica, que evita erros como a falta de dados dos pacientes, e a dupla conferência dos medicamentos por enfermeiros.

